

A LINGUAGEM POÉTICA E MÍTICA DE RADUAN NASSAR EM “LAVOURA ARCAICA”

Verônica Fonseca¹

Resumo

No romance “Lavoura Arcaica” (2004), Raduan Nassar desenvolve uma relação harmoniosa entre literatura e mito. O mito aparece na forma de releitura original da parábola bíblica do filho pródigo. Entretanto, o autor vai além e inverte a parábola bíblica por três vezes. Em nosso estudo, pretendemos focar essa inversão, bem como o retorno do mito na ficção brasileira contemporânea e sua associação com a poesia.

Palavras-chave: Mito. Poesia. Sagrado. Profano. Trágico

THE POETIC LANGUAGE AND MYTH OF RADUAN NASSAR IN “ANCIENT TILLAGE”

Abstract

In “Ancient Tillage” novel (2004), Raduan Nassar develops a harmonization between literature and myth. The myth appears in the original rereading form of the biblical parable of the prodigal son. However, the author goes further and inverts the biblical parable three times. In our study, we intend to focus this inversion, as well as the return of the myth in the Brazilian word and its association with poetry.

Keywords: Myth. Poetry. Sacred. Profane Tragic.

Em *Lavoura Arcaica* (2004), o primeiro romance de Raduan Nassar, escritor natural de Pindorama no estado de São Paulo de ascendência árabe, há uma relação íntima entre poesia e mito.

Na obra, percebemos a harmoniosa relação entre poesia e mito. De fato, a obra nasce da poesia, da necessidade poética por meio da qual o poeta busca compreender a real natureza do ser humano. Como nos diz Heidegger (2005): “a linguagem é a casa do ser”, é por meio dela que o homem, em seu pensar-sentir-imaginar, dá sentido ao mundo em sua volta, fundamentando sua existência. Dessa

¹Mestranda em Literatura Brasileira na UFRJ.

forma, encontramos na literatura, uma preciosa fonte de conhecimento que leva o homem a pensar, sentir, imaginar e a inaugurar um novo sentido para sua existência. Logo, através da poesia, os poetas cumprem a primorosa missão de revelar poeticamente traços essenciais da existência humana, abrindo as múltiplas possibilidades do ser pela linguagem. E isso Nassar o faz unindo poesia e mito, que possuem assim uma relação de interdependência em seu romance *Lavoura Arcaica* (2004).

Essa relação entre poesia e mito pode ser observada desde a obra *Teogonia: a origem dos deuses* de Hesíodo (1995), que apresenta poeticamente a origem dos deuses, ou seja, o mito cosmogônico da criação dos deuses. Consideramos aqui, o estudo e tradução de JaaTorrano (1995).

No poema de Hesíodo, a memória é a deusa *Mnemosyne*, filha da Terra e do Céu. Da união entre Zeus e *Mnemosyne* nascem as musas, que inspiram o poeta, conforme podemos perceber pela seguinte invocação: “Pelas musas heliconíades comecemos a cantar”. (Hesíodo, 1995, 88)

São as musas que dão força e direção ao canto do poeta. Elas habitam o monte Hélicon, mantendo-o em sua grandeza e sacralidade através do canto e da dança, que realizam em torno da fonte e do altar dedicado a Zeus, em um movimento ininterrupto para que o fluxo da água seja garantido no sentido de constante renovação. Assim o altar de Zeus, que é o deus ordenador do universo, ganha sua força suprema pelo canto e pela dança das musas.

Os nomes das Musas revelam-nos o seu próprio ser. Segundo Jaa Torrano (1995), “as Musas são a belíssima voz que brilha no negror da noite (do não-ser)”.

São, portanto, um poder de presença e de presentificação, pois retiram os fatos e os seres do reino da noite, geradora do esquecimento, para dar-lhes sentido pela manifestação e presença.

Por serem filhas da Memória, detentora da linguagem, as musas reúnem em si o poder do esquecimento e da memória. Elas são a palavra cantada, que representa a linguagem. Entre linguagem e ser, de acordo com Torrano (1995, 23), há uma relação de imanência recíproca.

O não-esquecimento que é a aparição (*alethea*) é o reino do ser, enquanto que provém da Noite e seus filhos, entre eles *lesmosyne*, o Esquecimento, toda negação de ser.

A linguagem é a numinosa força, a de nomear, que reúne em si a aparição e o esquecimento. No entanto, o ser somente é quando se dá como presença. Como aparição pela força da linguagem representada pelo ser das Musas, filhas da Memória, que é “o divino Poder trazer à Presença o não-presente, coisas passadas ou futuras”. (Torrano, 1995, 23)

Assim, o poeta, inspirado pelo poder das musas, torna-se profeta de fatos passados e de fatos futuros, tendo a missão de gloriar, que é expor um ser à luz da manifestação conforme sua essência lhe impõe. De outro modo, o poeta é aquele que tem por função desvelar essencialmente o que reclama pela desvelação. (Torrano, 1995)

É, portanto, graças à linguagem poética, que no romance lírico de Nassar é possível desvelar questões existenciais humanas fundamentais através das vivências de seus personagens. Desde o primeiro momento em que começamos a ler o romance, sentimos a poesia a nos guiar nos mistérios que envolvem a existência humana através das reflexões de André.

O drama vivido por seus personagens é um drama de razão em conflito com a emoção. Em André, encontramos o homem que é tomado pelas paixões em detrimento da razão. A essência do homem está nas emoções, são as paixões que movem o ser do homem e não a razão. No romance, a tradição familiar representa a razão, o ser humano racional que busca um autodomínio, o contrário do que é o homem, um ser imprevisível, movido por suas emoções, por seus desejos, por sua imaginação. A razão vem em segundo lugar, como aquilo que serve para justificar o que é próprio do ser, que são seus sentimentos, seus desejos.

O romance é, sem dúvida, lírico, pois André está quase a todo momento, narrando a história de maneira poética, transmitindo suas emoções ao leitor e levando-o a meditar sobre as questões existenciais que o envolvem.

Podemos dizer que André transmite ao leitor as suas sensações, os seus sentimentos em toda sua plenitude, bem como as emoções de todo o romance. Conforme podemos perceber no segundo trecho:

[...] eu estava deitado no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana, quando meu irmão chegou pra me levar de volta; minha mão, pouco antes dinâmica e em dura disciplina, percorria vagarosa a pele molhada do meu corpo, as pontas dos dedos tocavam cheias de veneno a penugem incipiente do meu peito ainda quente; minha cabeça rolava entorpecida enquanto meus cabelos se deslocavam em grossas ondas sobre a curva úmida da fronte [...]
(Nassar: 2014, 7-8)

A obra se divide em duas partes: A partida e o retorno. No romance, há a volta do mito à ficção brasileira contemporânea, conforme nos afirma Benedito Nunes (2009,289).

Na obra em questão, temos como mito a parábola bíblica do filho pródigo que é invertida por três vezes segundo Nunes (2009), sendo assim reinterpretada pelo autor que apresenta uma linguagem poética original, com um estilo próprio e peculiar, conduzindo a narrativa de maneira magistral.

O tempo na narrativa não é o tempo linear e sim o tempo da memória. A primeira parte do romance flui ao sabor das divagações de André que busca dar sentido à sua existência, e indo além, ele reinaugura seu existir. Segundo Mircea Eliade (1992), o mito, que é a narração de uma criação, de como algo começou a ser, é revivido e atualizado para que assim possa dar novo sentido à existência do homem no mundo.

De acordo com Eliade (1992, 14), reconhece-se que a experiência sagrada e a profana exprimem dois modos de ser no mundo. O homem religioso reconhece a não homogeneidade do espaço, que se divide em sagrado e profano. Aquele é o real, que verdadeiramente existe, enquanto esse é a massa amorfa, o resto que o cerca. De maneira que o Mundo é genuinamente fundado pelo espaço sagrado, único que oferece um ponto fixo, que orienta o homem em meio a relatividade caótica formada pelo espaço profano.

É por essa necessidade que o ser humano tem de viver no sagrado, como forma de fundar e dar sentido ao mundo em que ele vive, que se reconhece a importância do mito, tornado vivo pela memória. Segundo Eliade (1992), os mitos não narram unicamente a origem do mundo e dos seres, e sim vão além, narrando também todos os acontecimentos primordiais que revelam como o homem se tornou o que é.

O mito cosmogônico, referente à criação do mundo pelos deuses, revela o modelo exemplar de toda criação, compreendida como uma irrupção do sagrado no mundo. Por isso, para fundar e assumir a criação do “Mundo” que se escolheu habitar, o ser humano necessita imitar a obra dos deuses, a cosmogonia. (Eliade 1992, 49)

Dada a importância do mito na vida do ser humano como modo de dar sentido a tudo que existe e que existirá, podemos compreender a volta do mito na ficção brasileira contemporânea. Os mitos são reinterpretados e atualizados para nos levar a refletir sobre a constituição do ser humano, bem como revelar traços humanos fundamentais.

Segundo Benedito Nunes, em *Lavoura arcaica* (2004), a parábola bíblica do filho pródigo é invertida por Nassar por três vezes.

Na primeira inversão, “o caráter patrimonial da parábola do filho pródigo é trocado pelo mito moderno, romântico da livre individualidade contra a sacralidade da vida familiar”, defendida pelo filho mais velho, uma vez que André se declara apaixonado pela irmã. (NUNES, 2009, 298)

O romance que, tem como sua primeira parte intitulada *A partida*, demonstra bem essa inversão, pois é a família que vai atrás do filho perdido e não esse que volta arrependido para o lar. André expurga todas as suas emoções no reencontro que tem com seu irmão mais velho e uma de suas primeiras frases ditas ao mesmo que ele diz de maneira confusa é: “Não te esperava”. (NASSAR, 2004, 9)

É interessante observamos como o personagem descreve o quarto de pensão em que se encontrava:

Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo [...] (NASSAR, 2004, 7).

A segunda inversão consiste na “prodigalidade do rapaz em fuga do lar, numa confirmação sarcástica do discurso do pai sobre a dominância da família, é amar apaixonadamente uma de suas irmãs, Ana”. (NUNES, 2009, 298)

Na tradição religiosa, as mães e irmãs são seres intocáveis. André rompe essa sagrada tradição tão defendida pelo pai ao declarar de maneira obstinada sua paixão por Ana.

Segundo o pai, o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio contra o qual devia se proteger.

Ora, o ser humano é movido por suas paixões, logo André não poderia dominar aquilo que nascera em sua alma, não poderia ter o autodomínio tão cultivado por seu pai em seus longos sermões que promulgava com todos ao redor da mesa, ensinamentos estes defendidos por seu irmão mais velho, Pedro.

Na terceira inversão, ao contrário do que ocorre na parábola bíblica, é com o filho que retorna que o pai discute na parte do romance intitulada “O retorno”. (NUNES, 2009, 299)

Na terceira inversão, como diz acima Benedito Nunes (2009), é André, o filho que volta que discute com o pai todos os valores por ele ensinados. Em um ato de revolta, o personagem expurga todas as suas emoções e o pai, o considera perturbado. A mãe surge para conciliar e pôr fim a discussão. Após isso, André se reconcilia com o pai e aceita fazer como os outros irmãos e se dedicar unicamente ao trabalho na lavoura conforme lhe fora ensinado.

Mas no final, quando tudo já parece estar resolvido e a família já em paz com a volta e a reconciliação do filho pródigo, ocorre a tragédia familiar, já pressentida desde o início do romance, pois como diz a frase que inicia a segunda parte: “ Vos são interditas: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs”. Frase está presente no Alcorão, como nos diz Nassar (2004,141)

Enquanto Ana dançava de maneira desvairada e freneticamente, surge um golpe fatal:

[...] o alfanje já estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental (que vermelho mais pressuposto, que silêncio mais cavo, que frieza mais torpe nos meus olhos!) (NASSAR, 2004,191).

O trecho acima nos mostra a emoção de André no momento em que sua irmã Ana é decapitada pelo próprio pai como castigo por sua profanidade e através do mesmo, o leitor pode sentir a tragicidade do drama familiar. E assim, termina o

romance, deixando uma emoção trágica no ar, a angústia e o desespero de uma família frente a uma grande tragédia.

O final trágico demonstra a consumação de uma tradição familiar frente ao mito romântico da livre modernidade, de um drama de razão e emoção, de duas forças antagônicas, a exclusão de uma dessas forças nos leva a uma tragédia, o que nos faz perceber que elas não devem se excluir, pois o homem vive no espaço sagrado e no profano, o ser humano é razão e emoção de modo que essas duas forças antagônicas não devem se separar e sim se complementar em reversa harmonia.

Há no romance, portanto, um dualismo antagônico que o movimenta, em especial o sagrado e o profano, pois a paixão de André e Ana representa a profanidade dentro do espaço sagrado familiar.

Essa é uma discussão que propomos dentro desse artigo para que seja meditada e refletida durante outros momentos, pois vai muito além deste romance. Por fim, reiteramos que no romance de Nassar a linguagem é poética, pois se constrói poeticamente, revelando traços fundamentais da existência humana através das emoções de André. E é também um romance que exemplifica a volta ao mito na ficção brasileira, pois traz uma releitura original do mito bíblico do filho pródigo da cultura cristã, e vai além o invertendo por três vezes para assim fundamentar e reinaugurar a existência de seus personagens.

Referências

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HESÍODO. Trad. JaaTorrano. **Origem dos deuses: Teogonia**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HEIDEGGER, Martin Trad. Rubens Eduardo Frias. **Carta sobre o Humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

NUNES. Benedito. **“Volta ao mito na ficção brasileira”**. In: PINHEIRO, Victor Sales (org.). *A clave do poético*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.